

A Construção de «Adolescência» no Romance Juvenil Alemão e Português: uma leitura de *Die Zeit der schlafenden Hunde*, de Mirjam Pressler, e de *A Lua de Joana*, de Maria Teresa Maia Gonzalez

Maria Amélia Gonçalves da Cruz⁴⁵

No presente capítulo procurou reflectir-se sobre a construção de «adolescência» no actual romance juvenil alemão e português, a partir da análise das obras *Die Zeit der schlafenden Hunde* (2003), de Mirjam Pressler, e de *A Lua de Joana* (1994), de Maria Teresa Gonzalez, duas narrativas cujas personagens centrais são duas adolescentes – Johanna e Joana, respectivamente – envolvidas em profundos conflitos internos e em busca de uma identidade própria.

Procedeu-se a um estudo comparado de algumas representações de «adolescência» presentes em ambos os romances, como elementos constitutivos de uma «identidade adolescente», com o objectivo de reflectir sobre a forma como contribuem para a construção dessa identidade e em que medida se assemelham ou

⁴⁵ Tradutora técnica e literária (Alemão-Português). Integra a equipa do GAVE – Gabinete de Avaliação Educacional do Ministério da Educação. Doutoranda em Estudos de Cultura, na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica de Lisboa. Membro do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura. Contacto: mariameliacruz@hotmail.com

afastam as construções identitárias de «adolescência» presentes em obras provenientes de dois mundos culturais distintos.

Deste modo, a abordagem levada a cabo incidiu essencialmente na análise de um fenómeno cultural – a «identidade adolescente» – tal como surge representado nas duas obras seleccionadas.

Antes de mais começou por delimitar-se o conceito de «adolescência», com base em pressupostos teóricos da psicologia analítica e do desenvolvimento, com autores como Peter Blos (1998) e Markus Neuenschwander (2002) a advogar que se trata de um processo de transformação que se opera não apenas a nível biológico, mas também psicológico, pelo que é de esperar que as condições socioculturais acabem por influenciar decisivamente a organização psíquica do indivíduo adolescente.

Nos últimos anos, o conceito de «adolescência» tem vindo a merecer o interesse de alguns estudiosos na área da Literatura Infanto-Juvenil, sobretudo associado ao estudo do romance destinado a um público jovem. De entre eles, é de destacar Carsten Gansel (2010), que defende que conceito de «adolescência» se aplica sobretudo à juventude moderna e se caracteriza por uma relativa indefinição no que respeita aos grupos etários envolvidos e aos contextos em que estes se inserem.

Neste sentido, pensa-se que a «identidade adolescente» deve ser entendida como uma construção histórica, social e cultural, uma categoria dinâmica, em constante reformulação, reportando-se à juventude contemporânea, sem esquecer, no entanto, a sua história e a forma como as suas representações se foram transformando ao longo dos vários paradigmas socioculturais da pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade.

1. O conceito de «adolescência» como uma construção histórica e cultural

Antes de mais e porque me irei debruçar sobre as representações e a construção de «adolescência» nas duas obras

atrás referidas, começarei por apresentar alguma reflexão sobre o que se entende por «adolescência» e em que sentido se pode falar de uma «identidade adolescente».

Quanto ao conceito de «adolescência» importa começar por dizer que este é hoje objecto de estudo de várias disciplinas – a medicina, a antropologia, a sociologia, os estudos de género, as ciências da educação, a pedagogia, entre outras – estabelecendo frequentemente pontes de ligação entre elas.

Markus Neuenschwander, na sua obra *Desenvolvimento e Identidade na Adolescência* define a adolescência como sendo (2002: 134) “o estágio do desenvolvimento humano que finaliza a infância e introduz a idade adulta”, e que se caracteriza por mudanças no indivíduo quer ao nível físico, quer cognitivo, quer social. Todas estas mudanças têm inevitavelmente as suas repercussões a nível psicológico, sendo responsáveis por uma certa instabilidade psicológica e emocional, resultante do conflito do indivíduo com o seu *eu*, a sua sexualidade, as suas expectativas e objectivos, bem como com as relações que estabelece com os outros e com o mundo envolvente.

Por sua vez, Peter Blos, na sua obra *Adolescência. Uma Interpretação Psicanalítica* (1998) distingue «puberdade», ou seja o conjunto das manifestações corporais do amadurecimento sexual, de «adolescência», que consiste na adaptação psicológica do indivíduo às condições da puberdade. Segundo este autor, durante a adolescência, o indivíduo sofre um processo de individualização muito mais complexo do que na infância (quando experimenta a distinção entre o *eu* e o *não-eu*), que, em última análise, o levará à aquisição de um sentido de identidade, mas que é acompanhado de sentimentos de isolamento, de solidão e confusão.

Tratando-se de um processo de transformação que se opera não apenas a nível biológico, mas também psicológico, é de esperar que as condições socioculturais acabem por ter uma influência decisiva na organização psíquica do indivíduo adolescente. Sobre este aspecto refere Peter Blos (1998: 272) que “A forma pela qual a

sociedade toma conhecimento da criança púbere é significativamente relevante em termos da estrutura de carácter que uma determinada sociedade, no caso a cultura ocidental, requer para a sua preservação intrínseca.”

Neste sentido, tal como advoga Carsten Gansel (2010) – apoiando-se em estudos de orientação psicanalítica, entre eles na obra de Peter Blos que acabo de citar – é diferente falar de adolescência no século XIX, em meados do século XX, ou na presente época, tal como é diferente o que se entende por adolescência numa sociedade ‘aberta’ e/ou democrática ou numa sociedade ‘fechada’ e/ou numa ditadura. Defende ainda Gansel que o conceito de «adolescência», geralmente utilizado quando se trata da juventude moderna, se caracteriza essencialmente por uma relativa indefinição no que respeita aos grupos etários envolvidos, aos contextos, às condições de enquadramento e às formas de desenvolvimento. Em suma, conclui o autor (2010: 168), “Adoleszenz im modernen Sinne ist das Produkt eines gesellschaftlichen Modernisierungsprozesses”⁴⁶.

Assim, justifica-se falar de uma «identidade adolescente», entendida como uma construção histórica, social e cultural, uma categoria dinâmica, em constante reformulação. Falar de «identidade adolescente» é, pois, falar da juventude contemporânea, mas também da sua história, da forma como as suas representações se foram transformando ao longo dos vários paradigmas socioculturais da pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade.

2. A representação de «adolescência» no romance juvenil contemporâneo

Carlos Reis, na sua obra *O Conhecimento da Literatura – Introdução aos Estudos Literários*, advoga que a Literatura (2008: 12) “constitui um campo de formas e de representação de sentidos que,

⁴⁶ “no sentido moderno, a adolescência é o produto de um processo de modernização da sociedade” (tradução minha).

até certo ponto, é possível conhecer, exactamente porque nele surpreendemos elementos susceptíveis de descrição e de apreensão.”

Tendo em conta que o conceito de «adolescência» se alterou desde a sua emergência no século XIX até aos nossos dias, determinado por condicionalismos de ordem histórica, social e cultural, é natural que essas alterações acabem por se reflectir nas respectivas formas de representação presentes nas diversas manifestações culturais de cada época, muito especialmente nas manifestações literárias.

No que respeita ao conceito de «identidade adolescente» reportado ao romance juvenil, o mesmo deverá ser entendido como uma construção ficcional baseada nas representações de «adolescência» nele presentes, a partir das relações que, ao longo da narrativa, o/a protagonista adolescente estabelece consigo próprio/a, com os outros e com o meio envolvente. Neste sentido, é de salientar a posição assumida por Kimberly Reynolds (2007: 72), que defende que a actual ficção juvenil “deals with teenage identity and concerns, as distinct from those associate with adulthood and childhood, and often as part of this concern, identifies (and is preoccupied by) a division between an ‘authentic’ but hidden inner self and a ‘false’ public self”.

Uma vez que se irá proceder aqui à análise das representações de «adolescência» presentes em dois romances juvenis, importa ainda tecer algumas considerações relativamente a este subgénero literário. Começarei por citar de novo Carsten Gansel (2010) que define o «romance juvenil» como sendo um supra-conceito que abrange todas as formas possíveis de romance para jovens, como por exemplo o romance de família, o romance histórico, o romance de ficção científica, o romance policial e, finalmente, o romance adolescente. Segundo vários autores, o romance juvenil apresenta as marcas do romance proveniente da literatura geral, distinguindo-se deste apenas naqueles aspectos que têm em conta o público

destinatário (Ewers, 1997; Carsten Gansel, 1997, 2010; O’Sullivan, 2009).

Alguns estudiosos da literatura juvenil apontam, como característica relevante do «romance juvenil» contemporâneo, a sua dimensão crítica relativamente à época em que se insere, tendo-se desenvolvido como um meio, no qual são manifestos os actuais processos de mudança cultural e as conseqüentes alterações no universo dos jovens (Ewers, 1997, Gansel, 1997, Raecke, 1999). Como acentua Ewers (1997: 7):

Die «neue» Jugendliteratur verharrt (...) unerbittlich im Alltag; sie ist bestrebt, die realen Lebensbedingungen Jugendlicher aufzudecken und deren Selbstvergewisserungs- und Selbstbehauptungsversuche im alltäglichen Lebenskontext zu verfolgen. Dabei werden die dargestellten jugendlichen Lebenswelten – mehr oder weniger explizit – in zeitgeschichtliche Kontexte eingebettet und mit epochenspezifischen Zügen versehen, (...). Der neue Jugendroman kann prinzipiell auch als ein Zeitroman gelesen werden.⁴⁷

É, pois, de frisar a actualidade das experiências e das situações problemáticas descritas na literatura juvenil contemporânea, na medida em que ela reflecte as alterações profundas ocorridas no universo dos jovens durante as últimas décadas. Esta marca da literatura juvenil está sobretudo patente no «Adoleszenzroman» (romance adolescente) e também, de certo modo, num tipo de literatura que em alemão se designa por «Problemorientierte Jugendliteratur» (que traduzirei por «literatura juvenil focada em problemas», em virtude de não ter encontrado uma designação em

⁴⁷ “A ‘nova’ literatura juvenil contemporânea (...) incide implacavelmente no quotidiano; ela esforça-se por revelar as condições reais de vida dos jovens e em observar as suas tentativas de autoconfiança e de auto- afirmação no contexto do quotidiano. Assim, os universos juvenis representados surgem inseridos – mais ou menos explicitamente – em contextos contemporâneos e apresentam características específicas da época, (...). O novo romance juvenil deve ser entendido, antes de mais, como um romance de época” (tradução minha).

português). Relativamente a esta última diz-nos Carsten Gansel (2010: 163) que nela se inserem textos que

nahe an der Wirklichkeit bleibend, aktuell aufklären, Einstellungen ändern, für politische und soziale Forderungen sensibilisieren. Das ist neben dem unterhaltenden, lesefördernden Anspruch eine ihrer Aufgaben, der exemplarische Fall steht im Vordergrund.⁴⁸

Embora tenha surgido por volta dos anos 70 do século passado, este tipo de literatura tem mantido o interesse e o significado, alterando apenas os conteúdos, de acordo com os problemas que, em cada momento, mais afectam a vida dos jovens. Assim, constata-se, por exemplo, que o agravamento da crise social a partir de 2000 levou ao (re)surgimento de temas como as drogas e o alcoolismo entre os jovens, a violência nas escolas, problemas de migração e de integração, crianças de rua, seitas, questões de decadência social, entre outros.

Segundo Günter Lange (2011), trata-se de uma literatura engajada, pois ao converter estes fenómenos em objecto de representação literária, ela procura provocar alterações na sociedade através do esclarecimento do público destinatário. Para o efeito, os seus romances tendem frequentemente a apresentar segmentos da realidade, focam-se incisivamente num determinado fenómeno problemático, e os seus protagonistas são, em geral, pouco individualizados.

Quanto ao «romance adolescente», ele surgiu no âmbito da literatura juvenil, também por volta dos anos 70, nos Estados Unidos, quando as editoras se dão conta das mudanças culturais que estavam a ocorrer e da grande procura, por parte do público juvenil,

⁴⁸ “mantendo-se perto da realidade, procuram dar explicações actualizadas, alterar visões, sensibilizar para as exigências políticas e sociais. Esta é, a par do requisito de entretenimento e de promoção da leitura, uma das suas funções, enquanto o caso exemplar permanece em pano de fundo”. (tradução minha).

de textos centrados nos seus conflitos internos e na sua busca de uma identidade própria (Gansel, 2010).

As fronteiras que separam os dois subgéneros literários que tenho vindo a referir – «a literatura juvenil focada em problemas» e o «romance adolescente» – são frequentemente fluidas, uma vez que também no «romance adolescente» são muitas vezes abordados os problemas que os jovens têm que enfrentar no mundo globalizado de hoje. No entanto, como refere Carsten Gansel (2010: 172), neste tipo de romance, “Die jungen Helden sind – anders als in vielen Texten der sogenannten problemorientierten Jugendliteratur – als Individualitäten gestaltet, die selbstreflexiv ihre widersprüchliche Rolle, ihre Krisenhafte Entwicklung und innere Zerrissenheit bedenken.”⁴⁹

Ainda segundo o mesmo autor, o «romance adolescente» contemporâneo caracteriza--se pelos aspectos que passo a citar (2010: 168-169):

- No centro da representação estão um ou mais heróis, concentrando-se a representação na fase da juventude.
- Enquanto no romance adolescente clássico, o jovem herói é, na maior parte dos casos, masculino, no romance adolescente moderno e pós-moderno surgem também protagonistas femininas como figuras centrais. (...)
- O período de tempo abrangido não se restringe à puberdade, antes a todo o processo de procura de identidade por parte dos jovens, podendo ir portanto da pré-puberdade até à pós-adolescência.

⁴⁹ “Os heróis juvenis – diferentemente do que se passa em muitos textos da «literatura juvenil focada em problemas» – são configurados como entidades individuais, reflectem sobre si próprios, sobre os seus papéis controversos, a sua evolução em crise, os seus conflitos interiores.” (tradução minha).

- Os heróis jovens podem encontrar-se numa fase de “perturbação existencial” ou numa crise de “identidade profunda”, mas também é possível, nas condições pós-modernas, que a adolescência seja vivida abertamente e com prazer, como uma oportunidade de se pôr à prova, ou mesmo como um ganho na busca de sentido e de identidade.

Como campos problemáticos que caracterizam o «romance adolescente» são de assinalar: a) a separação dos pais; b) a aquisição de valores próprios (éticos, políticos, culturais, etc.); c) a vivência das primeiras experiências sexuais; d) o desenvolvimento de relações sociais próprias; e) a aceitação ou recusa de um determinado papel social. Estas narrativas caracterizam-se ainda, na maior parte dos casos, por terem um “fim em aberto”, continuando os/as protagonistas num caminho de procura (...)” (tradução e adaptação minhas).

Maria da Conceição Tomé (2010), num artigo publicado na revista *Malasartes* sobre a colecção *Profissão: Adolescente*, de Maria Teresa Maia Gonzalez, considera que se está perante uma “manifestação particular das tendências actuais da Literatura Juvenil”, e integra-a na corrente da psicoliteratura, termo utilizado, segundo a autora, “para englobar os livros que abordam temas e problemas pessoais/existenciais de forma central nas narrativas”. E acrescenta: “os livros pertencentes a esta corrente têm como objectivo confrontar os jovens com problemas próprios da vida, alguns particularmente específicos da sua faixa etária, e levá-los a aliviar tensões e enfrentar medos, numa viagem ao seu mundo interior, oferecendo modelos para reflexão, num processo que se pretende promotor de crescimento pessoal.” O que aqui é dito relativamente aos aspectos que caracterizam os livros da colecção *Profissão: Adolescente*, leva-me a concluir que estes se aproximam bastante da designada «literatura juvenil focada em problemas»,

apresentando, nalguns casos, traços mais ou menos acentuados do «romance adolescente».

Com base no que até aqui foi dito relativamente ao romance juvenil contemporâneo, com especial incidência no «romance adolescente» e na «literatura juvenil focada em problemas», passarei, então, a analisar as representações de «adolescência» que seleccionei como fundamentais para a construção ficcional de uma «identidade adolescente» nas obras *Die Zeit der Schlafenden Hunde*, de Mjriam Pressler, e *A Lua de Joana*, de Maria Teresa Maia Gonzalez. A escolha destas obras deveu-se ao facto de serem dois bons exemplos do «romance adolescente» – uma vez que colocam, no centro da representação, protagonistas femininas adolescentes que, por diferentes motivos, atravessam uma fase de grande perturbação psíquica e emocional, num processo de auto-reflexão e busca de uma identidade própria – além de que incidem sobre problemas específicos, com o objectivo de sensibilizar o potencial público destinatário, à semelhança do que se verifica na «literatura juvenil focada em problemas».

É ainda de acrescentar que a escolha de dois romances que podem ser vistos como formas híbridas do «romance adolescente» e do «romance juvenil focado em problemas» se explica pelo facto de considerar que estes dois subgéneros literários são os que melhor servem o objectivo a que me propus, uma vez que têm como protagonistas personagens adolescentes, inseridas em contextos sociais, económicos e culturais que lhes são próprios, em confronto com problemas com que se deparam os jovens na nossa sociedade global.

Será, pois, a partir de um estudo comparado das representações de «adolescência» seleccionadas em cada um dos romances atrás referidos que procurarei tirar ilações relativamente à forma como estas contribuem para a construção ficcional de uma «identidade adolescente» e em que medida se assemelham ou se afastam as construções identitárias de «adolescência» assim

construídas, tendo em conta que as obras em análise provêm de duas literaturas/culturas distintas, a portuguesa e a alemã.

3. A construção de uma «identidade adolescente» nas obras *Die Zeit der Schlafenden Hunde*, de Mirjam Pressler, e *A Lua de Joana*, de Maria Teresa Maia Gonzalez

No romance *Die Zeit der schlafenden Hunde*, a personagem central da obra é Johanna Riemenschneider, uma jovem alemã de 17 anos que, numa viagem da escola a Israel, se vê confrontada com o lado negro da família. De facto, conhece aí uma senhora judia, Frau Levin, que, perante toda a turma em viagem, acusa o avô de Johanna de haver colaborado com o regime nazi e de, em virtude disso, haver conseguido adquirir, a um preço muito baixo, a empresa e a casa que haviam pertencido à sua família.

De regresso a casa, a jovem atravessa um período de grande perplexidade, sofrimento e conflito interior, na busca da verdade sobre o passado da família, na busca de si própria. Neste processo, a sua relação com os outros, com o mundo que a rodeia e consigo mesma é profundamente afectada, pois tudo o que até ali lhe era familiar se lhe torna estranho. No entanto, só após o suicídio do avô, a jovem se dispõe a procurar saber a verdade sobre o passado da família, o que a levará a entrar numa situação de rotura com o pai, que ela acusa de se ter silenciado e de nada ter feito para redimir a família do crime cometido.

Embora *Die Zeit der schlafenden Hunde* se possa considerar um romance com um final em aberto, fica no leitor a ideia de que a protagonista, após haver percorrido um caminho doloroso mas também de amadurecimento, acabará por entrar num processo de auto--afirmação e de emancipação, que a levará ao encontro de si própria. O seguinte monólogo interior de Johanna é bem elucidativo de um estado de espírito de alguém que começa a construir uma identidade autónoma, liberta das amarras de um passado que não é o seu (2005:7): “Ich bin nicht schuld an dem, was

lange vor meiner Geburt passiert ist, siebenundfünfzig Jahre ist es her, eine halbe Ewigkeit, so weit weg ist es. Ich will Sie nicht vergessen, Frau Levin, bestimmt nicht, ich werde nach Israel fahren, an meinen Plänen ändert sich nichts, aber Sie müssen akzeptieren, dass ich ein anderer Mensch bin, ein eigenständiger Mensch, nicht nur die Enkelin von Erhard Riemenschneider.”⁵⁰

Em *A Lua de Joana*, a protagonista é Joana, uma jovem de 14 anos, a quem a melhor amiga, Marta, morre vítima de *overdose*. O romance assume a forma de um diário no qual a jovem vai registrando as suas vivências, reflexões e questionamentos através de cartas que dirige à amiga morta e que vão pondo o leitor a par de um quotidiano de sofrimento e solidão crescentes.

Sem conseguir entender o que teria levado Marta a entrar no mundo da droga, Joana começa por culpabilizá-la, a ponto de dizer (2008. 52) “Marta, nós não merecíamos o que tu fizeste.” No entanto, no caminho doloroso que percorre em busca de uma resposta, a jovem acaba por entrar num processo de auto-destruição que culmina com a sua própria morte, também ela vítima da droga. Numa das últimas cartas confessa à amiga ausente: (2008: 152) “o ano passado, nunca imaginei que fosse tão fácil uma pessoa passar-se para o lado de lá, o lado para onde tu te passaste, o lado que eu sabia que era ERRADO! Quis tanto compreender tudo aquilo por que tinhas passado quando te afastaste de toda a gente que acabei por seguir uma caminho muito parecido, ou talvez mesmo igual. Fui muito injusta por te ter condenado, criticado e até odiado, Marta. Acho que aprendi. Espero que não seja tarde!”

Em ambas as obras temos duas protagonistas adolescentes – por coincidência, Johanna e Joana – duas entidades ficcionais que se vão construindo ao longo das narrativas não apenas através da

⁵⁰ “Eu não sou culpada do que aconteceu muito antes de ter nascido, foi há cinquenta e sete anos, uma eternidade, já lá vai tanto tempo. Não quero esquecê-la, Senhora Levin, certamente que não, irei a Israel, não alterarei nada nos meus planos, mas a senhora terá que aceitar que eu sou outra pessoa, uma pessoa autónoma, não apenas a neta de Erhard Riemenschneider.”

caracterização que é dada de cada uma delas (características físicas e psicológicas, *status* social) mas também e principalmente através da forma como interagem consigo próprias, com os outros e com o mundo que as rodeia.

Sabe-se, à partida, que as duas heroínas pertencem à classe média alta, se inserem em famílias que gozam de uma situação financeira desafogada e vivem em meios urbanos (Johanna numa cidade alemã de que não é dito o nome e Joana em Lisboa). Contudo, para detectar as representações de «adolescência» presentes nas duas obras em análise e a forma como elas se interligam criando padrões de identidade, torna-se essencial o recurso a um conjunto de conteúdos que modelem as relações que as duas protagonistas adolescentes estabelecem consigo próprias e com a alteridade.

Assim, verifica-se que, em ambas as obras, o modo como *eu* adolescente interage consigo próprio, se manifesta, essencialmente, através dos seguintes conteúdos: ao nível psíquico – estados de espírito, comportamentos, memórias –; ao nível físico – relação com o próprio corpo.

Por sua vez, esse *eu* adolescente está também em permanente interacção com o *outro*, o qual, em ambas as obras, surge sobretudo configurado na família, nos pares (colegas/amigos), nas instituições (principalmente, a escola), nos espaços em que se move e no meio sociocultural em que se insere.

No entanto, o modo como as heroínas se relacionam com o seu *eu* adolescente manifesta-se, não raras vezes, através das relações que estabelecem com o *outro*, sendo estas, por sua vez, quase sempre um reflexo da sua interacção com o *eu*. Isto leva-me a concluir que os dois conjuntos de conteúdos que enformam as representações de «adolescência» – o que modela e subjaz à interacção do *eu* adolescente consigo próprio e o que configura e subjaz à sua interacção com o *outro* – não podem ser analisados dissociadamente, mas sim através da rede de inter-relações que se vai tecendo entre ambos, ao longo das duas narrativas.

Começarei então por apresentar os aspectos mais salientes de cada um dos conteúdos que configuram o *outro*, (família, pares, escola, espaços, meio sociocultural), para, a partir daí, passar às relações que as heroínas mantêm com cada um deles e consigo próprias.

Família. Verifica-se que as respectivas **mães** ascenderam na vida através do casamento e desempenham actividades relacionadas com a moda. São apresentadas como pessoas pouco cultas e um tanto frívolas. Este último aspecto é muito mais acentuado no caso da mãe de Joana, pois a mãe de Johanna, embora sempre muito ocupada com o trabalho na empresa e com eventos sociais, não deixa de ser apresentada como uma pessoa compreensiva e preocupada com a harmonia da família. Johanna tem um bom relacionamento com a mãe, ainda que, por vezes, a acuse de nem sempre estar presente nos momentos difíceis da vida dos filhos. Já Joana regista frequentemente os aspectos negativos da mãe, a sua ignorância e frivolidade, como por exemplo, quando diz (2008: 36) “é óbvio que nem vale a pena dizer ao meu pai para ir [assistir a uma peça de teatro] e, quanto à minha mãe, não iria perceber nada”, ou (2008: 43) “[a minha mãe] pela-se por cocktails e snobeiras do género”.

Quanto aos **pais**, são ambos pessoas que vivem quase exclusivamente para a vida profissional, sem tempo para os filhos, para se preocupar com os seus problemas. Contudo, a relação de Johanna com o pai só se agudiza e chega a uma situação de rotura quando a jovem entra em confronto com este por querer investigar o passado do avô. Na acesa discussão entre ambos, o pai acusa-a de querer (2005: 152) “schlafende Hunde wecken”⁵¹, ao que Johanna responde (*ibid*) “er [der Großvater] war doch ein Nazi, was hat er wirklich gemacht, du musst es wissen, du musst ihn doch mal gefragt haben.”⁵². Quanto a Joana, tenta, por várias formas, chamar

⁵¹ “acordar os cães adormecidos”

⁵² “mas ele [o avô] era um nazi, deves saber o que ele fez, alguma vez lhe deves ter perguntado.”

a atenção do pai, mas este nunca entende os sinais que jovem vai dando, o que a leva a concluir que não vale a pena falar com ele, pelo que se limita a sorrir, pois, como diz (2008: 31) “os sorrisos servem para uma data de coisas, como por exemplo para tapar buracos que aparecem quando o mar das palavras se transforma em deserto.”

Ambas as heroínas têm um **irmão**: o de Johanna, mais novo do que ela, é um rapaz cordato e sensível, um tanto introvertido e inseguro. Há um bom relacionamento entre ambos, de cumplicidade e afecto; a irmã protege-o, tentando por vezes substituir os pais junto dele. Por sua vez, o irmão de Joana é mais velho do que ela e é apresentado como o típico ‘menino mimado da mamã’. Chega a casa a altas horas, bebe, não estuda, desrespeita os outros, expressa-se quase só por monossílabos. Joana refere, com frequência, a impossibilidade de comunicar com ele.

Johanna tem um **avô** de quem gosta e do qual tem uma imagem muito positiva até ao momento em que Frau Levin o acusa de ter colaborado com o regime nazi. Por sua vez Joana tem uma **avó**, uma pessoa afável e compreensiva e a única pessoa da família em quem Joana confia e em quem se apoia. A morte de cada um deles vem agudizar, por motivos diversos, o estado de perturbação psicológica e emocional em que ambas as heroínas se encontram: no caso de Johanna, porque é a partir desse momento que decide contar à família o que Frau Levin lhe revelara sobre o passado do avô e começar a investigar o que havia de verdade nessas revelações; no caso de Joana, porque, com a morte da avó, a heroína irá sentir-se ainda mais só e desamparada.

Em conclusão, no que respeita ao relacionamento das duas protagonistas com a família, constata-se que, no caso de Johanna, é a partir da sua viagem a Israel e sobretudo a partir do momento em que começa a investigar o passado do avô que entra em conflito com a família, família à qual (2005: 25) “nicht mehr gehören will

und zu der sie nun, vor alle Augen doch gehört (...)”⁵³. Quanto a Joana, a morte da amiga Marta e o estado depressivo crescente em que se vai afundando fá-la-ão sentir, mais do que nunca, a falta de comunicação que já antes existia na família. Isso levá-la-á a registar no diário (2008: 100): “Tudo mudou. Tudinho. Só os meus pais continuam iguais. O mundo deles não cai nunca, nem sequer estremece.”

Pares (colegas/amigos). Percebe-se que, antes de despoletar a crise psicológica em que as duas adolescentes se vêm envolvidas, estas mantinham um bom relacionamento com os colegas e amigos. Contudo, a partir daí, ambas começam a afastar-se do respectivo grupo: Johanna porque fora perante alguns dos colegas que Frau Levin acusara o avô de nazi; Joana sobretudo devido ao consumo da droga, que irá agudizar progressivamente o seu estado de desinteresse por tudo e por todos.

Escola (instituição). Tanto Johanna, como Joana haviam sido boas alunas, Johanna a preparar-se para o ‘Abitur’⁵⁴ e a questionar a possibilidade de seguir Economia e Joana a projectar estudar Medicina. No entanto, durante o período de crise, também a relação de ambas com a escola se deteriora. Contudo, Johanna consegue ultrapassar a situação e apenas altera os seus planos, decidindo interromper os estudos por um ano, para ir trabalhar num lar de idosas em Israel. Quanto a Joana, como se disse atrás, o que resta dos seus interesses e projectos desvanecer-se-á completamente a partir do momento em que começa a consumir droga.

Espaços. Relativamente aos espaços em que as duas personagens se movem, são de salientar: a cidade, a escola, a casa, o quarto. No romance *Die Zeit der schlafenden Hunde*, há uma descrição pormenorizada de todos os espaços em que acção decorre, destacando-se, especialmente, a parte da cidade que se avista do

⁵³ “ela já não quer pertencer e à qual contudo pertence, aos olhos de todos (...).”

⁵⁴ Exame que conclui o ensino secundário na Alemanha.

quarto de Johanna, o edifício antigo da ‘Viktoria Schule’ que ela frequenta, a sua casa, o seu quarto. A heroína mantém com todos eles uma relação de grande empatia e intimidade, relação que se altera quando regressa de Israel, pois, a partir desse momento, todos esses lugares lhe parecem estranhos. Só a sua relação com o quarto se mantém inalterável, pois, como diz Joahna, (2008: 6) “*my room is my castle*”, por conseguinte, um lugar onde se pode sempre refugiar e proteger dos ataques do mundo exterior. Curiosamente, neste caso, a jovem expressa-se em inglês, talvez como forma de acentuar o distanciamento daquele espaço relativamente a todos os outros.

No caso de *A Lua de Joana*, ainda que seja mencionada a cidade de Lisboa e alguns locais dos arredores (Sintra, Estoril, Cascais), não há praticamente qualquer descrição de espaços, nem sequer da escola ou da casa. Apenas o quarto de Joana é descrito com algum pormenor, especialmente o baloiço em forma de meia-lua, onde a jovem se gosta de sentar nos momentos de maior reflexão ou de angústia.

É interessante notar que, para ambas as heroínas, o quarto é um lugar de refúgio, o último reduto onde o encontro consigo próprias será sempre possível.

Meio sociocultural. Quer em *Die Zeit der schlafenden Hunde*, quer em *A Lua de Joana* são referidos determinados fenómenos/práticas culturais que são de imputar ao meio sociocultural em que cada uma das heroínas se insere. Assim, no primeiro caso, temos, por exemplo, o ‘Abitur’ (já atrás referido), o banquete após o enterro do avô (não habitual em Portugal), o antigo e faustoso edifício da *Viktoria Schule*, que nos princípios do século XX se destinava apenas a raparigas da alta sociedade e que agora Johanna frequenta. Entre as antigas alunas desta escola contam-se oito senhoras judias que vivem presentemente em Israel, pelo que a viagem de alguns dos actuais alunos, a esse país, tem como objectivo visitá-las e escrever a história das suas vidas. Daí as referências à língua que se fala em Israel, aos *kibbutzim*, ao rio Jordão, sobre o qual Frau Fachinger, a professora, diz para Johanna

(2005: 59): “seltsam, nicht wahr, dass dieses bisschen Wasser da unten für unsere Kultur eine größere Rolle gespielt hat als all die großen Flüsse Europas.”⁵⁵ Porque o tema central da obra se prende com o passado nazi alemão e os seus reflexos nas gerações que se seguiram, são também referidos determinados fenómenos histórico-culturais que têm a ver com esse período da História Alemã: Nazismo, Holocausto, campos de concentração, ‘Entnazifizierung’ (eliminação da ideologia nazi), entre outros.

No caso de *A Lua de Joana*, temos a referência a algumas práticas/fenómenos culturais como: a feira da ladra, a feira de Carcavelos, Liga Portuguesa para a Protecção da Natureza, o Sporting. Há ainda a alusão ao dia de Camões, bem como a outros autores portugueses: Sophia de Mello Breyner Anderson, Fernando Pessoa. Também o facto de Joana chamar ‘Adamastor’ a uma rapariga que a aterroriza, remete para uma figura lendária aterradora da nossa história dos Descobrimentos, pelo que só adquire significado no contexto cultural português. São ainda de salientar as referências ao sistema escolar público português, (com o director de turma, o delegado de turma, o presidente do Conselho Directivo), bem como ao Ensino Superior. Relativamente a este último, é curiosa a forma como Joana o avalia, ao dizer que os primos estão (2008: 65): “numa universidade particular qualquer, porque não tiveram notas nem para a oficial nem para a Católica.” Quanto aos seus gostos musicais, Joana menciona os GNR, Sting, Michael Jackson.

Depois de analisadas as formas como as protagonistas dos romances *Die Zeit der schlafenden Hunde* e *A Lua de Joana* interagem como a alteridade – essencialmente configurada na família, nos pares, na escola, nos espaços e no meio sociocultural – interessa agora ver como se processa a sua **interacção consigo próprias**, com o seu corpo, com os seus sentimentos e emoções.

⁵⁵ “estranho, não é? que este fiozinho de água lá em baixo tenha desempenhado, na nossa cultura, um papel maior do que todos os grandes rios da Europa.”

A relação com o corpo é, em ambos os casos, indissociável dos estados de alma e também da vida sentimental e/ou sexual, o que exige que estes aspectos sejam analisados de forma interligada. Assim, verifica-se que, no auge da crise de conflito interno em que ambas mergulham, não reconhecem o próprio corpo: Johanna, a quem as lembranças de Jerusalém provocam um crise de vômitos, olha-se depois ao espelho e vê que (2005: 77) “*Ihr Gesicht im Spiegel ist blass und fremd, sie hat Ringe unter den Augen, es ist das Mädchen aus Jerusalem, das ihr da entgegenblickt.*”⁵⁶; no caso de Joana a situação é mais grave, pois acaba por odiar-se a si própria, o que a leva a cortar o cabelo quase rente, com uma tesoura de unhas. Sobre este episódio a jovem regista no diário: (2008: 96) “*Em seguida, voltei a olhar para o espelho e disse para mim mesma «a Joana já não mora aqui».*”

Vida sentimental/sexual. Johanna tem um namorado, Daniel, com que mantém uma relação de amor, companheirismo e cumplicidade, que acaba por ser perturbada durante a fase de maior perturbação psicológica e emocional. Quanto a Joana, há o esboçar de um interesse amoroso por um colega, que esmorece, logo que a jovem se apercebe que não é correspondida.

No que respeita à vida sexual das duas adolescentes, constata-se que esta nem sempre surge associada a um sentimento amoroso. Em Israel, Johanna tem um contacto sexual com Doron, neto de Frau Levin, que assume para ambos um significado estranho: Doron impõe esse contacto – sem ternura, sem palavras, mesmo sem protecção –, transformando-o num acto de raiva e de vingança de todo o seu povo contra o povo que Johanna representa; esta, por sua vez, deixa-se levar passivamente, como se de uma catarse se tratasse, pela qual o seu corpo teria que passar de forma a redimir-se dos crimes cometidos pelo avô. Contudo, a obra dá-nos uma imagem completamente diferente da vida sexual de Johanna com

⁵⁶ “A sua cara no espelho está pálida e estranha, tem círculos à volta dos olhos, é a rapariga de Jerusalém que a olha de lá”

Daniel, pois, no relacionamento que existe entre ambos, a vida sentimental e sexual estão em perfeita sintonia.

Por sua vez, Joana aceita ter relações com Diogo, irmão de Marta, como uma forma de consolá-lo da perda da irmã e não por amor. Isto explica que, no diário, se dirija à amiga morta, nestes termos (2008: 95): “[o Diogo] deu-me um beijo interminável e levou-me naquele abraço até à cama. Não te digo mais nada, porque não quero lembrar-me do que aconteceu depois. Só te digo que, assim que cheguei a casa, me enfiei na casa de banho e voei para o duche. Depois, quando me olhei ao espelho, odiei-me mais do que nunca.”

Passando agora às **memórias** das duas heroínas, constata-se que estas remontam a um passado muito próximo, porque curtas são ainda as suas vidas. Tanto Johanna como Joana evocam, frequentemente e de uma forma idílica, o tempo da infância, o tempo que antecede o momento que em que se deu o incidente que originou a crise. No entanto, no caso de Johanna, há ainda a evocação de um outro passado, que ultrapassa as fronteiras da sua própria existência, um passado que não é seu, que é da sua família, do seu país, mas que acaba por interferir com o seu presente.

A análise de algumas das inter-relações que, nas duas obras em estudo, o *eu* adolescente estabelece consigo próprio e com o *outro* leva-me a concluir que há algumas representações de «adolescência» que são comuns a ambas: a falta de comunicação com os pais, a incompreensão e/ou o desinteresse destes pelos seus problemas, o tipo de relações que estabelecem com os seus pares e com a escola, a forma como encaram a vida amorosa e sexual, a sua relação com o mundo envolvente, entre outras. Estas representações de «adolescência» são o reflexo das alterações ocorridas no universo dos jovens a um nível mais global. Contudo, deparamo-nos com algumas representações de «adolescência» que são diferentes nas duas obras, o que se explica pelo facto destas serem provenientes de mundos culturais distintos. É exemplo disso, o facto de o incidente que esteve na origem da crise de Johanna (a

revelação do passado nazi do avô) estar ligado ao passado histórico recente do seu país e, por conseguinte, só ter significado no lugar e no tempo em que a acção da obra ocorre.

Por sua vez, em *A Lua de Joana*, temos representações de adolescência que só adquirem significado no universo juvenil português. De facto, as referências a práticas culturais portuguesas (a feira da ladra, a feira de Carcavelos) a escritores portugueses (Sophia de Mello Breyner Anderson, Fernando Pessoa, Camões), a grupos musicais portugueses (GNR) são elementos que acentuam a contextualização da obra na realidade cultural dos jovens portugueses. Contudo, é de realçar que o tema central desta obra é o problema da droga, tema frequentemente abordado na literatura juvenil contemporânea, por se tratar de um problema transversal a toda a nossa sociedade global.

Temos, pois, duas obras – *Die Zeit der schlafenden Hunde*, de Mirjam Pressler, e *A Lua de Joana*, de Maria Teresa Maia Gonzalez – provenientes da literatura juvenil contemporânea alemã e portuguesa, respectivamente, que apresentam representações de «adolescência» idênticas, naqueles aspectos que caracterizam o universo juvenil contemporâneo em geral e que se diferenciam naqueles aspectos que se prendem com fenómenos de ordem histórica, social ou cultural, próprios dos mundos culturais de onde provêm. Assim, as representações de «adolescência» e as inter-relações que estabelecem ao longo das narrativas surgem como os elementos constituintes de uma «identidade adolescente», uma unidade compósita e heterogénea, num processo constante de construção e reformulação.

É ainda de acrescentar que os dois exemplos de «romance adolescente» que foram objecto de estudo neste trabalho, apresentam, tal como acontece em muita da literatura juvenil, uma «identidade adolescente» ficcionalmente construída que teve em conta os actuais processos de mudança cultural e as consequentes alterações no universo dos jovens durante as últimas décadas (Ewers, 1997, Gansel, 1997, Raecke, 1999). No entanto, as

potencialidades didáticas e de sensibilização do público destinatário que este tipo de romance assume – alguns jovens alemães ter-se-ão certamente sentido identificados com a personagem Johanna e o problema de Joana há anos que vem a sensibilizar milhares de jovens leitores em vários países – fazem dele um meio que não apenas reflecte a «identidade adolescente» tal como a sociedade ocidental a encara e a constrói, como também interfere ou pretende interferir nesse processo de construção. Como acentua Kimberley Reynolds relativamente à ficção juvenil (2007: 79),

on the one hand it is understood to be a literature of breaking away and becoming, on the other, it is a literature of control and conformity, preparing the way for successive generations of teenagers to take up established roles in the existing social order.

Bibliografia activa

- GONZALEZ, M. T. M. (2008). *A Lua de Joana*. Lisboa/S. Paulo: Editorial Verbo.
- PRESSLER, M. (2005). *Die Zeit der schlafenden Hunde*. Weinheim-Basel: Verlagsgruppe Beltz.

Bibliografia passiva

- BLOS, P. (1998). *Adolescência – Uma Interpretação Psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- EWERS, H.-H. (2008). *Literatur für Kinder und Jugendliche – Eine Einführung*. Paderborn: Wilhelm Fink Verlag.
- EWERS, H.-H. (2009). *Fundamental Concepts of Children's Literature Research. Literary and Sociological Approaches*. New York and London: Routledge.
- GANSEL, C. (1997). Jugendliteratur und jugendkultureller Wandel. In H.-H. Ewers (Ed.) *Jugendkultur in Adoleszenzroman*. Weinheim und München: Juventa Verlag, pp. 13-42

- GANSEL, C. (2010). *Moderne Kinder-und Jugendliteratur. Vorschläge für eine kompetenz-orientierten Unterricht*. Berlin: Cornelsen Scriptor.
- LANGE, G. (2011). Adoleszenzroman. In G. Lange (Ed.). *Kinder- und Jugendliteratur der Gegenwart*. Baltmannweiler: Schneider Verlag Hohengehren, pp. 147-167.
- NEUENSCHWANDER, M. (2002). *Desenvolvimento e Identidade na Adolescência*. Coimbra: Edições Almedina.
- O'SULLIVAN, E. (2005). *Comparative Children's Literature*. London & New York: Routledge.
- REIS, C. (2008). *O Conhecimento da Literatura – Introdução aos Estudos Literários*. Coimbra: Edições Almedina.
- REYNOLDS, K. (2007). *Radical Children's Literature. Future Visions and Aesthetic Transformations in Juvenile Fiction*. New York: Palgrave Macmillan.
- TOMÉ, M. da C. D. (2010). Ler para crescer? – Uma leitura da colecção «Profissão Adolescente», de M. T. Gonzalez. In *Malasartes – Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude*, n.º 19. Porto: Porto Editora.